

PROJETO ENSINAR COM PESQUISA 2010

O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais

Bolsista: Alexsandro de Sousa e Silva

Filme: *Missing – Desaparecido* (1982), de Constantinos Costa-Gavras

Resumo geral

Ambientada nos dias subsequentes ao golpe militar chileno de 1973, a trama está centrada em um processo de “conscientização” do norte-americano Edmond Horman, que procura, com a nora Beth Horman, o filho Charles Horman. A consciência seria em relação à situação política e militar no Chile (nome omitido no filme) após o golpe, em que os Estados Unidos estariam coniventes com o novo regime por conta da ideologia anticomunista e dos interesses econômicos no país. São cidadãos norte-americanos que acompanharam a violação dos direitos humanos no Chile com o beneplácito do país de origem.

Charles e a amiga Terry vão a Viña del Mar para ela conhecer o litoral chileno e, na volta, são impedidos de voltar à Santiago por conta do golpe militar. Após alguns dias conversando com militares norte-americanos, Charles volta tenso para casa a fim de partir para os EUA junto com a esposa Beth. Porém, ele é sequestrado por militares, segundo os vizinhos, com alguns bens apreendidos. A esposa busca de alguma notícia junto à embaixada norte-americana, que tenta esconder informações sobre o paradeiro de Charles.

Preocupado com o desaparecimento do filho, Edmond sai dos EUA para procurá-lo com Beth. Perpassam conflitos ideológicos entre os dois, pelo fato de Edward ser um economista bem sucedido e ela estar ao lado das esquerdas no Chile; um contraste que vai se resolvendo à medida que o pai de Charles percebe que os embaixadores norte-americanos e os militares encobrem informações que poderiam ajudar a encontrar o desaparecido e que a repressão militar está além do que poderia suspeitar. Descoberto, por meios não-oficiais, que o filho realmente fora assassinado, Edward e Beth voltam aos EUA. O economista diz que vai atrás de justiça, porém o narrador diz que o caso foi arquivado.

Personagens:

Charles Horman: sempre passa ou tenta passar a imagem de otimista e brincalhão. Tem uma certa identificação com o pato que cria, e cujo animal faz parte do mundo imaginário de seus escritos e desenhos. Um amigo o qualifica de politicamente calouro; foi chamado de bisbilhoteiro por Ray Tower. Acreditava, assim como o pai Edmond e o amigo Frank, que, por ser norte-americano, não poderia ser agredido pelos militares chilenos. Vivia tomando notas sobre as situações que passava, o que ajudou nas investigações de Edmond e Beth sobre sua presença junto aos militares norte-americanos nos primeiros dias de regime militar. Morreu no Estádio Nacional, como Frank Terruggi.

Terry Simon: com dificuldades de viver no Chile por não falar Espanhol, a norte-americana fica assustada com o regime militar depois que foi revistada em Santiago. Ajuda Beth e Edmond nas investigações sobre o paradeiro de Charles.

Capitão Ray Tower: mostrado como alguém carreado de cumplicidade pelo desaparecimento de Charles. Está sempre na embaixada norte-americana na prestação de contas das investigações para Edmond. Tenta convencer Beth a não procurar marido, e

justifica a morte de Charles ao pai como se a culpa fosse do próprio filho. Sean Patrick diz que é o segundo mais visado pelos “rebeldes” chilenos; o primeiro seria, implicitamente falando, o próprio Augusto Pinochet, cujo nome não foi citado na trama.

Beth Horman: desesperada e sempre aflita na busca pelo esposo. Mostra-se no filme implicitamente a ligação da norte-americana com a esquerda no Chile; por isso foi pressionada pela embaixada dos EUA a entregar seus amigos. Tem divergências ideológicas com o sogro mas não o rejeita nem deseja se livrar dele, facilitando a conciliação com Edmond ao longo do filme.

Coronel Sean Patrick: militar norte-americano que ajuda Charles e Terry a sair de Viña del Mar a Santiago, apresentando Ray Tower ao casal, que foi quem os levou à capital chilena. Apoiou o golpe militar, pois considera-o um sucesso frente à tentativa de ocupação na Baía dos Porcos, em Cuba, no ano de 1961. O nome do país e a data não foram citados no filme.

David Holloway: escritor e jornalista da FIN, diz que “a festa acabou” no início do filme, quando começam as perseguições aos esquerdistas, em uma referência indireta ao fim do governo da *Unidad Popular* no Chile. Quando preso pelo regime, o norte-americano teme pela vida.

Frank Terruggi: companheiro de David, debochava do regime militar e seus soldados e acreditava que por ser dos EUA nada poderia acontecer com ele. Morreu no Estádio Nacional.

Kate Newman: repórter de Nova York, ficou implícito na sua apresentação que era do jornal *The New York Times*. Bem informada, orienta e ajuda a Charles, Terry, Beth e Edmond em diferentes momentos, e é consciente de que não poderia enfrentar o regime militar chileno de frente. Repreende, em circunstâncias distintas, Charles e o pai por quererem ajudar diretamente chilenos à mercê do regime. No final, vai para La Paz, na Bolívia, para onde havia ido Andrew Babcock, supostamente investigar nova participação norte-americana em regimes militares na América Latina.

Amigos de Charles e Beth: supostamente de esquerda, são mostrados dentro de casa, como se estivessem escondidos, temendo que fossem vítimas do regime militar.

Soldados militares chilenos: aparecem nas imagens de repressão: derrubando, arrastando e assassinando pessoas; queimando livros; atirando para o alto; apontando armas para qualquer pessoa, menos para os militares e diplomatas norte-americanos, sendo aplaudidos por estes na sequência 02. Toda vez que aparecem, os soldados deixam a atmosfera dos ambientes um tanto carregada de pavor e pânico.

Edmond Horman: negociante de uma Bolsa de Valores, talvez um protótipo do cidadão dos EUA. Acredita nas instituições, leis e justiça do seu país, e sente-se envergonhado em falar do filho, que optou por uma filiação ideológica das esquerdas. É membro da Igreja da Ciência Cristã, a qual alimenta a fé “na verdade”. Ao longo da trama vai percebendo a situação repressora que vive Chile e os perseguidos pelos militares; desde a chegada ao país vivencia as situações de violência a pessoas e ouve os sons de tiros de metralhadora a todo momento, mas a princípio se recusa a acreditar que estejam acontecendo atrocidades com o consentimento dos EUA. Logo pede perdão à nora e admite querer encontrar o filho mesmo que este esteja morto.

Phil Putnam: cônsul norte-americano que muitas vezes se assume como porta-voz dos interesses dos EUA na investigação, tentando encobrir a participação norte-americana no caso.

Andrew Babcock: oficial norte-americano aposentado que cumpre “missões” no Panamá, Chile e, posteriormente, Bolívia. Charles o conhece em Viña del Mar na época do golpe

militar chileno de 1973 e é barrado pelo oficial por querer se aprofundar sobre suas atividades.

Peter Chernin: consultor econômico da Fundação Ford que informa a morte de Charles ao pai. Emotivamente, Peter resolve ajudar, mas estava consciente de que não poderia dar detalhes sobre a origem da informação. Talvez pudesse ser o próprio que tivesse alguma relação com a morte de Charles, dado o estado emocional apresentado enquanto falava com Edmond e dado que o embaixador norte-americano ter deixado claro que o interesse econômico no Chile justificou o apoio ao golpe.

Sr. Paris: ex-policial que revela ter ouvido falar de Charles, torturado pelos militares chileno e enviado ao Estádio Nacional. Rompeu com o regime visto que não concordava com a onda de assassinatos que varreu o Chile após o golpe militar.

Embaixador norte-americano: seu nome não identificado na trama. Procura consolar e despistar Edmond e Beth para não encontrarem o corpo de Charles. Na sequência 26, justificou a participação dos EUA no golpe militar: tinha que se preservar os interesses econômicos do país visto que no Chile haviam três mil firmas norteamericanas que, indiretamente, sustentavam a vida de Edmond na Bolsa de Valores em Nova York.

Membros do Departamento do Estado nos EUA: da mesma forma que os diplomatas norte-americanos no Chile, tentam despistar Edmond para que não se evidencie a participação dos EUA no golpe.

Documentos, fatos ou frases históricas:

00:01 – Letreiros: “*Este filme é baseado em uma história verdadeira. Os incidentes e fatos são documentados. Nomes foram mudados para proteger inocentes e filme*”.

00:02 – Referência ao toque de recolher imposto pelos militares em Santiago, cuja proximidade causa pavor nas pessoas pelas ruas.

00:05 – Charles contextualiza o filme nas suas anotações: 16 DE SETEMBRO, de 1973.

00:12 – Mostra-se homens pintando de branco um mural com desenhos de alguma brigada muralista da época da *Unidad Popular*.

00:13 – Aparece pela primeira vez um retrato de Richard Nixon, cujo nome não é citado no filme, que está nos ambientes representantes dos interesses norte-americanos no regime militar chileno.

00:15 – Referência a mortes de pessoas pelos militares em Viña del Mar pelos militares, cuja informação não apareceu nos jornais, além da presença maciça de oficiais dos EUA na cidade.

00:20 – Militares queimando livros pelas ruas de Santiago.

00:24 – Edmond faz referência a um artigo do *New York Times* em que publica as declarações de Beth Norman sobre o sequestro de Charles.

00:28 – Primeira referência direta ao golpe militar no Chile: Edmond pergunta a Phil Putnam se não havia terminado o golpe.

00:42 – Beth afirma abertamente para Edmond pela primeira vez que os EUA estão envolvidos no golpe militar.

00:57 – *Flashback* da prisão de David e Frank pelos militares, mostrando como era a ação dos soldados e as claras evidências de tortura e morte de pessoas no Estádio Nacional.

00:59 – David faz referência a especialistas brasileiros em torturas que se encontravam no Estádio Nacional.

01:09 – Mostra-se feridos pelo regime militar em hospitais chilenos.

01:11 – Mostra-se um corpo boiando em um rio, o qual não seria o único, segundo paciente de um hospital, referindo-se a uma prática corrente dos militares em jogar mortos em rios.

01:15 – Edmond folheia fichas de presos políticos no Estádio Nacional.

01:16 – Mostra-se presos nas arquibancadas do Estádio Nacional, vítimas potenciais das torturas e mortes pelos militares.

01:18 – Referência aos asilados em uma embaixada que, segundo um embaixador, seriam entre 800 e 900. A embaixada seria da Itália, segundo as palavras que aparecem em 01:22 na porta da mesma: “*D’ITAL...*”, cortada pela lateral direita na imagem.

01:23 – Rebeldes picham em um muro “*MILITARES ASESIN...*”, quando são surpreendidos por um carro militar com soldados disparando contra eles; inicia-se uma troca de tiros que não deixa claro se houve vítimas, na sequência 23.

01:27 – Referência ao fracasso dos EUA na tentativa de invasão na Baía dos Porcos, em Cuba, no ano de 1961. O nome do país e a data são omitidas no filme. A intenção da citação era comparar com o sucesso do golpe militar chileno de 1973.

01:30 – Mostra-se uma quantidade enorme de corpos de vítimas do regime militar, identificados e não-identificados.

01:42 – Discurso do embaixador dos EUA sobre o apoio que o país deu ao regime militar, destacando o viés econômico.

01:51 – Referência implícita à nova investida dos EUA na América Latina: a repórter Kate Newman vai a La Paz, na Bolívia, onde Andrew Babcock supostamente iria fazer uma nova “missão”, ou seja, o oficial estaria por trás dos apoios que os norte-americanos davam aos regimes militares.

01:53 – Narrador revela o destino das acusações de Edmond Horman contra a cumplicidade e negligência dos EUA frente à morte de Charles: o caso foi arquivado.

Observações:

Aparentemente o filme foi feito no México para o próprio público dos EUA. Trata-se de uma denúncia contra o governo norte-americano e como o espectador poderia acompanhar o raciocínio do personagem Edmond Horman para compreender o papel que o país tem nos regimes autoritários na América Latina. A trama tem uma dramaticidade que faz o espectador se identificar com as reações de Horman: crente nas instituições de um país que coloca os interesses econômicos acima dos direitos humanos. Daqui se depreende um problema no filme: os chilenos não têm muito espaço (aparecem apenas os vizinhos de Charles, os amigos do mesmo e os militares); toda a trama está fechada exclusivamente entre estadunidenses, seja o lado simpatizante das esquerdas (Charles, Beth, Terry, David, Frank), seja o lado oficial norte-americano (Tower, Putnam, Babcock, Patrick, embaixador). Depois dos constantes choques ideológicos entre Beth e Edmond, este consegue ter uma visão menos parcial a respeito das esquerdas, buscando compreendê-los até um certo limite.

Há uma intensa movimentação de câmera que acompanha as caminhadas desesperadas de alguns personagens, como Beth e Edmond, através de *travellings*; porém, nos momentos em que este avalia as situações e vai se convencendo na cumplicidade dos diplomatas dos EUA, a câmera, em planos americanos, fixa na sua imobilidade e perplexidade frente aos problemas, evidenciando uma conscientização do papel do seu país no Chile. A trilha sonora é discreta e sutil, destacando-se os momentos de maior tensão no filme, com alguns instrumentais que dão um clima de suspense a esses instantes, como na

procura de Edmond e Beth pelo cadáver de Charles entre corpos não-identificados na sequência 24.

Ao longo da trama, há diversos momentos que evidenciam um clima de terror imposto pelos militares no Chile. São soldados com armas apontadas para as pessoas, corpos pelas ruas, toque de recolher, gente abordada sem um critério estabelecido. E a presença norteamericana se faz presente não em ações, mas nos discursos. A ação repressora está com os militares chilenos. Há dois detalhes curiosos em relação aos EUA na trama envolvendo a cumplicidade no golpe: nas salas onde estão membros oficiais do país, seja nos EUA ou no Chile, há um retrato do então presidente Richard Nixon (1969-1974), apesar de seu nome não ser citado em nenhum momento. Há uma relação entre o interesse dos EUA em ocultar informações e esse “fantasma” que aparece constantemente no filme sob os retratos. O outro detalhe está na sequência 18: quando um técnico, que apareceu dentro do quarto de Edmond sem que ninguém visse, acabou de consertar o telefone, Beth fala com o aparelho como se estivesse falando com Ray Tower, supondo que o mesmo estivesse armado uma escuta telefônica e, portanto, estivesse “dentro” do aparelho; imediatamente, como resposta, o telefone toca. Edmond atende e era o embaixador pedindo para que fosse vê-lo no dia seguinte.

Sobre as ausências de citações no filme, em nenhum momento há referências a Augusto Pinochet, Salvador Allende, Unidade Popular, nem algumas contextualizações que seriam interessantes de notar, como a referência ao Panamá, país em que A. Babcock esteve antes de chegar ao Chile. O Panamá sofreu um golpe militar em 1968; talvez essa fosse a relação que Costa-Gavras quis explicitar em relação ao personagem. Depois o oficial parte para La Paz, capital boliviana, onde esteve sob o regime militar de Hugo Banzer Suárez (1971-1978) que, logo após o golpe no Chile, recebeu apoio dos EUA. Porém, algo que ficou explícito foi a presença norteamericana em alguns países da América Latina: Putnam diz que vai para onde o país o mandar, mostrando uma vontade de ir para o Brasil; Babcock passou pelo Panamá, Chile e se dirigia à Bolívia; Sr. Paris, cuja nacionalidade não foi exposta, diz que se formou na Academia de Polícia de Washington, referenciada no filme *Estado de Sítio* (de Costa-Gavras, 1972), onde oficiais eram treinados para perseguir políticos de esquerda e simpatizantes. Comparando com o mesmo filme, aqui também verificamos a importância do jornalismo investigativo que faz Kate Newman; bem como a questão da documentação está presente nos dois filmes, sendo que em *Missing* as anotações que Charles deixa dão pistas para seu pai e sua esposa para tentar reconstituir seus passos junto aos militares norte-americanos. Pelas razões acima apontadas, entende-se que o filme procura falar basicamente da política externa norteamericana, sendo o país o principal assunto abordado, secundando a política interna do Chile.

Sugestões para sala de aula:

Na sequência 08, quando Beth se despede dos amigos pensando que iria voltar aos EUA, não consegue retornar à casa e fica pelas ruas, em pleno toque de recolher, e, acompanhando a jovem, pode-se observar as ações dos militares numa noite de 1973 pós-golpe militar: queima de livros, tiros, perseguição, pessoas assustadas correndo para salvar suas vidas. Aproximando-se a hora do toque de recolher, as pessoas se desesperam pelas ruas, os militares fazem insinuações para as mulheres. A câmera acompanha a personagem em suas tentativas de parar algum táxi ou outro carro para chegar em casa em um movimento panorâmico, e assim continua mesmo com o susto de Beth em encontrar um cadáver ao mesmo tempo em que se anuncia o toque de recolher. Beth para numa loja de

vestidos de noiva onde o dono recusa ajudá-la; a beleza dos manequins vestidos trancados por conta do toque de recolher pode sugerir um reforço da ideia de privação da liberdade sob a ditadura. Após ser repelida pelo chileno, a protagonista caminha pelas ruas e um som de teclado ressalta a tensão vivida pela personagem, enquanto que, pelo olhar de Beth, acompanhamos a queima de livros pelos militares, pessoas correndo pelas ruas se escondendo da repressão, e um cavalo branco fugindo de um veículos com soldados atirando para o alto. A câmera continua com os movimentos panorâmicos, acompanhando o andar perdido de Beth e os fugitivos pela noite, e busca fazer revelações pelas fortes imagens de repressão. O destaque aqui podendo ser discutido com a classe fica por conta da representação que o diretor faz da repressão militar por meio da tensão da música, pelas metáforas dos vestidos de noiva e do cavalo (símbolo da liberdade) fugindo, e pelos planos obscuros (noite, escuridão, momento obscuro da história chilena) que se tornam evidentes a partir do anúncio do toque de recolher, bem como o trabalho de câmera, que vai revelando ao espectador o contexto repressivo, tornando-o uma testemunha dos fatos.

Edmond Horman e Beth vão à embaixada italiana entrevistar um ex-policial que afirma ter visto o desaparecido Charles num interrogatório. À medida que vão se aproximando e, com o fim da conversa, se afastando da testemunha, podemos acompanhar centenas de pessoas dentro da embaixada, os asilados políticos. São muitas famílias, homens de terno e gravata, crianças correndo pelos corredores. A câmera vai mostrando ao espectador uma das consequências da repressão militar, que é a corrida às embaixadas estrangeiras, onde os refugiados podiam se sentir mais seguros. Há dois temas que são mostrados ao mesmo tempo nesta sequência: o da procura pelo paradeiro de Charles Horman e a superlotação dos refugiados na embaixada. Durante a entrevista com o ex-policial, *flashbacks* vão ilustrando ao leitor as imagens que foram vistas apenas pelo entrevistado, que decidiu sair de seu posto por não concordar com a repressão militar. Charles está amarrado a uma cadeira e em um cômodo que se pode ser visto da sala de um militar, com a bandeira chilena à vista. Edmond e Beth não tiveram acesso a estas imagens, mas o diretor faz questão de ilustrar ao espectador para que este não tenha dúvidas sobre o que o entrevistado está falando. Esse procedimento de privilegiar o espectador com imagens que os protagonistas não tiveram acesso, ou que não são da preocupação imediata da ação dos personagens mas está relacionado, é algo recorrente neste filme, e sugerem reforçar o argumento principal do filme, sobre os crimes e suas consequências na sociedade chilena com o aval de órgãos dos Estados Unidos. A sequência em questão é um exemplo e pode ser debatido com os alunos quais as estratégias de legitimação que a narrativa constrói para o espectador.

Sequências:

01. Créditos iniciais; Cap. Tower deixa Terry e Charles em Santiago, mas este se desespera em chegar logo em casa, sendo obrigado a pernoitar na cidade por causa do toque de recolher.
02. Charles olha norte-americanos aplaudindo militares na rua em uma festa.
03. Terry e Charles chegam em casa e encontram Beth desesperada, pois não tinha notícia dos dois há cinco dias.
04. Terry arruma malas com Beth, enquanto Charles brinca com seu pato.
05. Terry e Charles vão a Santiago para ela viajar de volta aos EUA, mas a moça é parada pelos militares e logo dispensada com ajuda do amigo.

06. Os dois protagonistas não conseguem falar com consulado norte-americano; conhecem Kate Newman e veem homem levado por membros do regime militar. Charles volta para casa e deixa Terry em um hotel.
07. Beth, pronta para voltar aos Estados Unidos, despede-se de amigos, David e Frank.
08. Beth não consegue voltar para casa antes do toque de recolher, e fica na rua presenciando pessoas desesperadas e militares disparando a esmo.
09. Ao amanhecer, Beth chega em casa, que foi destruída; um vizinho a alerta a deixar o lugar e informa que o marido foi levado por militares, os quais devastaram a residência.
10. Edmond Horman procura por informações com autoridades nos EUA sobre o desaparecimento do filho, mas nada consegue.
11. Horman chega ao Chile, é recebido por militares e o cônsul norte-americano Putnam, e se encontra com Beth.
12. Edmond e Beth se desentendem sobre o desaparecimento de Charles, sendo que o pai deste acha que o filho foi imaturo.
13. Edmond e Beth se reúnem com a embaixada para conversar sobre o desaparecimento do filho; a moça repreende os presentes por causa de informações vagas e contraditórias, o que deixa o sogro inconformado.
14. Terry, Beth e Edmond conversam em restaurante reconstituindo a viagem de Charles e Terry a Viña del Mar e os esforços das mulheres em encontrar o desaparecido, sujeitando-se a Ray Tower.
15. Vizinhos de Charles reconstituem seu sequestro e a ida ao Estádio Nacional.
16. Beth é pressionada pela embaixada estadunidense a entregar amigos da esquerda, e Edmond repreende os diplomatas a encontrar Charles de qualquer maneira; nora e sogro têm um conflito ideológico.
17. David conta a Edmond como foi a sua prisão e a de Frank no Estádio Nacional, bem como as atrocidades que lá presenciou.
18. Na embaixada Edmond é repreendido pelo embaixador por pensar que os EUA tivessem alguma relação com o golpe; Horman responde que quer encontrar filho mesmo estando morto.
19. Edmond e Beth buscam por Charles em hospitais chilenos.
20. Edmond conversa sobre Charles com amigos de Beth.
21. Edmond e Beth buscam por Charles no Estádio Nacional.
22. A busca prossegue; os protagonistas e Kate Newman conversam com ex-policia que afirma ter conhecimentos sobre paradeiro de Charles, na embaixada italiana.
23. Edmond, Kate e Beth conversam sobre o possível destino de Charles, quando começa uma troca de tiros entre militares e opositores do regime militar; a conversa prossegue no hotel onde estão hospedados, com reconstituições a partir das anotações de Charles.
24. Edmond e Beth buscam por Charles em necrotério, e encontram corpo de Frank entre mortos não-identificados.
25. Há um terremoto que desespera hóspedes onde estão Edmond e Beth, porém ninguém conseguiu sair por conta do toque de recolher.
26. Edmond foi informado por Chenin sobre a morte do filho; o pai vai à embaixada e é menosprezado pelo embaixador e o capitão Tower, que compara Charles com um bisbilhoteiro que se mete em máfia de drogas.
27. Enquanto Beth responde um interrogatório, Edmond é informado sobre o encontro do corpo de Charles.

28. Edmond e Beth recolhe coisas de Charles e partem para os EUA; sr. Horman diz que vai denunciar a embaixada por cumplicidade e negligência nas investigações.

29. Mostra-se a caixa com corpo de Charles chegando nos EUA, enquanto narrador revela o desfecho do caso. Créditos finais.